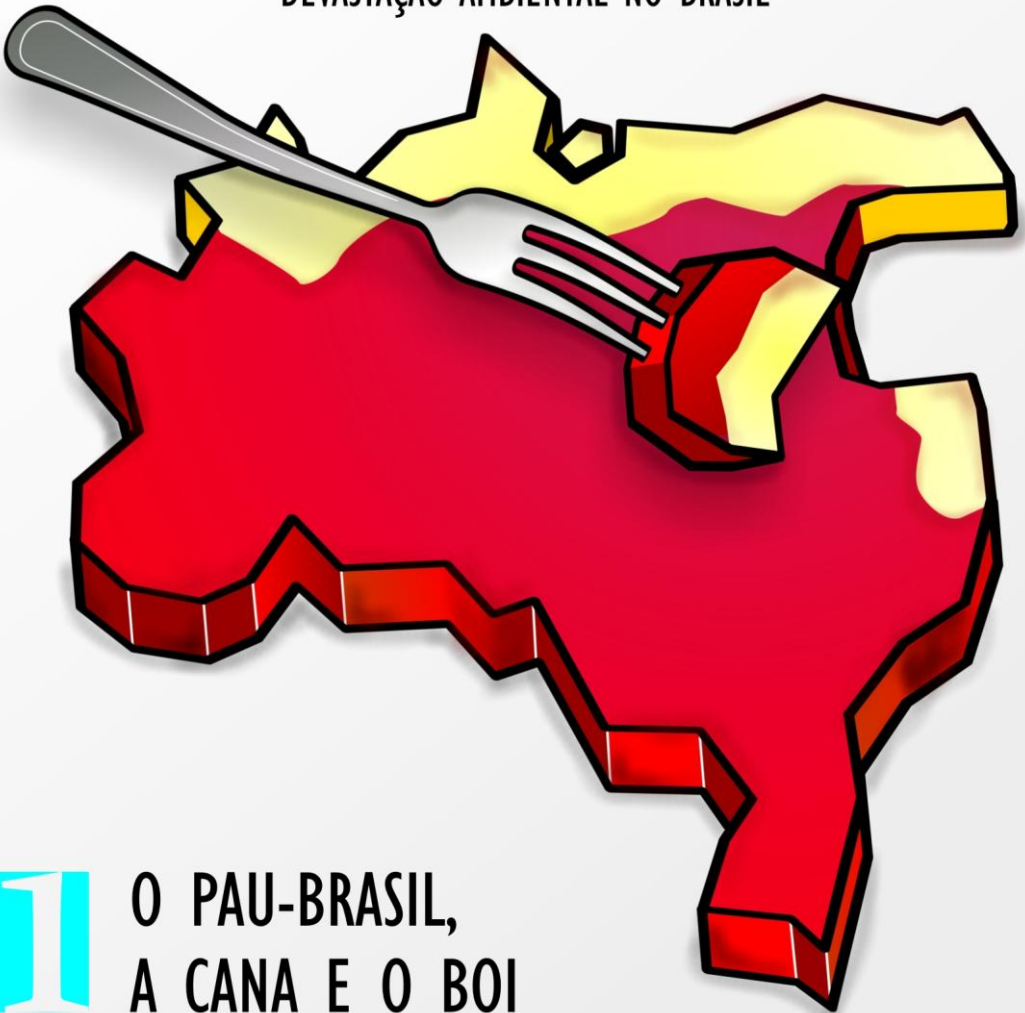


FERNANDO JOSÉ DE SOUSA

# A REPÚBLICA DOS GAFANHOTOS

UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA (IN)SUSTENTABILIDADE E  
DEVASTAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL



**1** O PAU-BRASIL,  
A CANA E O BOI

**A REPÚBLICA DOS GAFANHOTOS**  
UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA  
(IN) SUSTENTABILIDADE E DEVASTAÇÃO  
AMBIENTAL NO BRASIL

**VOLUME I**  
**O PAU-BRASIL, A CANA E O BOI**

Fernando José de Sousa



*Ela é bela, sim, ela é bela.  
Quanto a mim, sou o espírito que vive na terra.  
Os pés da terra são os meus pés.  
As pernas da terra são as minhas pernas.  
A força da terra é a minha força.  
Os pensamentos da terra são os meus pensamentos.  
A voz da terra é a minha voz.  
A plumagem da terra é a minha plumagem.  
Tudo o que pertence a terra me pertence.  
Tudo o que rodeia a terra também me rodeia.  
Sou as palavras sagradas da terra.  
Ela é bela, sim, ela é bela.*

*CANTO DO ESPÍRITO DA TERRA  
Mitologia dos índios Navajos*



O pau-brasil, a cana e o boi - Introdução	07
1. A era das grandes navegações e dos grandes descobrimentos	19
2. A ‘descoberta’ de um novo mundo	39
3. Os cunhados e o pau-brasil	69
4. As Capitanias Hereditárias	97
5. O doce sabor do açúcar	119
6. O escravo e o boi	155
7. Diáspora bovina	181
8. O bandeirante e o índio	213
9. Amazônia: o lado de lá de <i>Tortillas</i>	245
10. O açúcar, o bife e a sustentabilidade	277
Referências Bibliográficas	291
Bibliografia consultada	299



## O PAU-BRASIL, A CANA E O BOI INTRODUÇÃO

Sustentabilidade virou a palavra da moda.

A cada dia que passa aparece no mercado um novo *slogan* de publicidade que incorporou o termo ao conceito e imagem de determinado produto: ser “sustentável” virou pré-condição para lucrar com produtos e serviços.

Sem fazer muito esforço encontraremos esses ‘conceitos’ na forma de produtos de limpeza, alimentos, hotéis e roteiros turísticos ecológicos, banco da sustentabilidade e por ai vai. Na região Norte do Brasil existe até uma marca de água mineral dita “sustentável”, que se diz orgulhosa da preservação das matas ao redor de suas fontes: num passeio de lancha num dos afluentes do Rio Madeira entre os estados de Rondônia e Amazonas, no meio de uma floresta primária, encontrei uma garrafa plástica desta tal “água mineral sustentável” flutuando ao sabor da correnteza – slogans ou rótulos de produtos “sustentáveis” podem até ser um bom gancho para alavancar as vendas de um produto, serviço ou de uma empresa; mas será que a problemática acaba aí?

Nota-se que existe muito exagero é claro, mas quanto mais gente estiver falando de sustentabilidade, melhor. A cada dia mais e mais pessoas vão se interessar pelo assunto e, quem sabe, passar a demonstrar uma preocupação sincera com a preservação dos recursos naturais e com a qualidade de vida das futuras gerações. Pouco a pouco fica mais fácil separar o joio do trigo; quem estiver usando a preocupação com a sustentabilidade de forma inadequada poderá “ser lançado ao fogo”, como diz a passagem bíblica.

Apesar dessa visibilidade que a questão da sustentabilidade vem ganhando, é preciso insistir que falta profundidade nas discussões que testemunhamos no nosso dia a dia. Justamente para auxiliar numa discussão mais profunda dessa questão é preparei este ensaio. Ele surgiu como uma monografia quando cursei uma Pós-Graduação em Educação Ambiental num famoso centro universitário de São Paulo. Sua inspiração veio da constatação que a maioria esmagadora dos professores daquele curso tinha um conhecimento superficial e cheio de clichês da história do Brasil e sempre alguém se perdia ao tentar associar os problemas ambientais dos nossos dias com eventos de nosso passado colonial. Trabalhei durante três meses para redigir aquela monografia: o professor deu nota 8,5 para o meu texto apesar de afirmar que “não teve tempo de ler meu trabalho”.

Naturalmente, fiquei revoltado, muito mais pela atitude do professor do que pela nota. Teria sido muito melhor ter tirado um zero, com a certeza que a leitura do texto não agradou o professor ou que as conceituações usadas estavam completamente equivocadas.

Isso aconteceu em 2004 e, desde então, sempre que consigo uma folga no meu trabalho, tento ampliar e melhorar aquela monografia original – com tantos problemas ambientais à minha volta, sempre achei que pessoas poderiam se interessar pela leitura e aprender alguma coisa a mais sobre a questão.

Este volume - A República dos Gafanhotos: O pau-brasil, a cana e o boi, apresenta uma rápida análise da vida econômica do Brasil colônia, sob o olhar da sustentabilidade, nos primeiros dois séculos de nossa história, mostrando algumas das formas e fórmulas absurdamente insustentáveis utilizadas para se ganhar dinheiro a partir do sacrifício dos

recursos humanos e ambientais do país. Em outros volumes da série, discorrerei sobre outros dos chamados “ciclos econômicos de nossa história” como o ouro, o algodão, o café, a borracha, chegando aos nossos dias, quando as vedetes de nossas exportações continuam a ser *commodities* como o minério de ferro, a soja e o suco de laranja – os tempos podem até ter mudado, mas muitas das práticas coloniais de produção e de devastação ambiental continuam as mesmas.

Mas vamos ao que interessa:

Em primeiro lugar, é importante explicar o porquê do uso da palavra gafanhotos logo no título. Vale à pena relembrar uma passagem de uma conhecida história bíblica:

*“E vieram os gafanhotos sobre toda a terra do Egito, e assentaram-se sobre todos os termos do Egito; mui gravosos foram; antes destes nunca houve tais gafanhotos, nem depois deles virão outros tais.*

*Porque cobriram a face de toda a terra, de modo que a terra se escureceu; e comeram toda a erva da terra, e todo o fruto das árvores, que deixara a saraiva; e não ficou verdura alguma nas árvores, nem na erva do campo, em toda a terra do Egito”.*

*Êxodo 10, 14-15*

Supõe-se que Moisés escreveu estes versículos por volta do ano 1.500 antes de Cristo, ou seja, há 3.500 anos. Fica bastante evidente ao leitor o pavor que a destruição provocada por estas pequenas criaturas pôde fazer no antigo Egito, a ponto de influenciar na decisão do poderoso Faraó em libertar o povo judeu de um cativeiro de quatrocentos

anos. Até hoje existem discussões acadêmicas sobre esse período de escravidão dos judeus no Egito antigo, com muitos especialistas defendendo que não existem provas materiais destes fatos. Discussões à parte é interessante notar o uso literário que se fez da praga de gafanhotos. Verdadeira ou não, no caso do Egito citado na passagem da bíblia, é importante lembrar que a região conhecida como Crescente Fértil, que se estendia desde o vale do Rio Nilo até a confluência dos rios Tigre e Eufrates na Mesopotâmia foi o berço da agricultura e daquilo que chamamos de civilização humana; povos que dependiam da agricultura para sobreviver teriam verdadeiro pavor de pragas de gafanhotos.

Se voltarmos no tempo alguns milênios para trás, para algo em torno de 10.000 anos antes de Cristo, encontraremos a pequena humanidade de então, escassa e dispersa, passando a iniciar a produção agrícola – fenômeno que *Alvin Toffler* chama de “A Primeira Onda”<sup>1</sup>. É nesse período que o ser humano inicia uma complexa mudança em seu modo de vida nômade, até então dominado pela caça e pela coleta de produtos naturais, atividades com efeitos pontuais e pequenos sobre o meio ambiente, passando ao plantio e produção de gêneros alimentícios em escala. Além das conseqüentes mudanças na estrutura social destes ancestrais grupos, o início da agricultura marca também o início das intervenções humanas sobre a paisagem e sobre o meio ambiente natural. A vegetação natural passa a ser substituída por culturas de grãos, frutas e verduras; o pastoreio nômade passa a ser realizado em áreas delimitadas, muito próximas dos assentamentos humanos e das plantações; a produção agrícola e pastoril cresce, acompanhando o aumento da população humana – o homem deixa de ser apenas mais uma das muitas espécies de seres vivos da natureza; ele passa a ser a “espécie”.

---

<sup>1</sup> TOFFLER, Alvin. *A Terceira Onda*

O contato do homem com os primeiros grandes ataques de gafanhotos, provavelmente ocorreu neste período.

O desequilíbrio ambiental iniciado pelo ser humano ajudou a alterar o ciclo de vida destes insetos, cujo aumento exponencial em uma única área passa a ser desastroso. Existe uma regra muito simples na biologia que afirma que onde existe alguma coisa para ser comida aparecerá alguém para comer – e os gafanhotos se especializaram nisso. Fenômenos naturais como secas ou queimadas também podem provocar tais desequilíbrios – mas as intervenções humanas, com toda a certeza, o fazem com maior frequência. Quanto maior o número de gafanhotos em uma região, maior a sua necessidade por comida; quando a comida acaba, os gafanhotos saem voando à procura de novos campos para satisfazer o seu voraz apetite. E quando encontram, consomem suas reservas até a exaustão. Durante milênios, nuvens de gafanhotos vêm devastando e consumindo campos inteiros, deixando no seu encalço a fome e a destruição. Em diversas culturas, a imagem do gafanhoto está associada ao mal e a destruição. Talvez seja por isto que a imagem da praga dos gafanhotos tenha essa carga emocional tão forte nesta passagem da bíblia.

*Thomas Malthus* (1766-1834), famoso economista, estatístico e demógrafo inglês, grande estudioso das Ciências Sociais, muito provavelmente se inspirou nos gafanhotos para criar a sua Teoria Populacional, mais conhecida como Malthusiana.

Preocupado com o crescimento populacional acelerado, *Malthus* publica em 1798 uma série de idéias alertando sobre a importância do controle da natalidade, afirmando que o bem estar populacional estaria intimamente relacionado com crescimento demográfico do planeta. *Malthus* alertava que o

crescimento desordenado acarretaria na falta de recursos alimentícios para a população gerando como consequência a fome – basicamente, essa é a imagem de uma nuvem de gafanhotos consumindo uma plantação até a exaustão dos recursos. Com base nesses dados, *Malthus* concluiu que inevitavelmente a fome seria uma realidade caso não houvesse um controle imediato da natalidade. Muitas idéias antigas e controversas para controle da natalidade foram inspiradas por esta teoria. Só para citar um exemplo, em meados do século XIX o governo inglês criou centros de internação, com o objetivo de hospedar homens que foram separados à força de suas esposas, numa tentativa de controlar o crescimento da população, que àquela época assolava as ilhas britânicas, em particular a Inglaterra, com um aumento explosivo do número de habitantes das grandes cidades.

O grande naturalista *Charles Darwin* (1809-1882), autor da revolucionária teoria da evolução das espécies e admirador entusiástico da obra de *Thomas Malthus*, faz um extenso comentário sobre os gafanhotos em sua obra publicada em 1859:

*“Algumas vezes os gafanhotos são transportados a grandes distâncias das costas. Eu mesmo capturei um a 595 km da costa africana e sei que foram encontrados alguns deles a distância ainda maior. O Reverendo T. Lowe disse ao Sr. C.(Charles) Lyell que, em novembro de 1844, nuvens de gafanhotos invadiram a ilha da Madeira. Eram tantos que pareciam flocos de neve, e se estendiam no ar a tão grande distância que podiam ser vistos através do telescópio. Durante dois ou três dias descreveram lentamente uma imensa elipse nos ares, tendo cinco ou seis quilômetros de diâmetro, e à tarde desceram sobre as árvores mais elevadas, que ficaram*

*recobertas pelos gafanhotos. Desapareceram tão subitamente como tinham vindo e não mais voltaram à ilha.*<sup>2</sup>

É interessante notar que também os povos do Novo Mundo, mesmo antes do contato com os mitos e tradições dos europeus, já tinham a sua versão própria sobre tais criaturas. Os gafanhotos desempenham um importante papel na mitologia de diversas tribos indígenas americanas, em particular entre os Parecis (do estado de Mato Grosso), “em cujo mito de criação do mundo, o gafanhoto nasce da perna de *Miore*, um dos heróis míticos entre esses índios. É igualmente o gafanhoto que, por inadvertência, dá o fogo aos homens, incendiando a vegetação, desempenhado assim um papel equivalente ao Prometeu grego”<sup>3</sup>. Desta maneira, fica evidente, através da mitologia dos Parecis, que existe uma relação muito estreita e antiga entre os índios e os gafanhotos, uma espécie de convivência desde a criação do mundo. Além disso, a ligação entre o fogo e os gafanhotos, indicada na mitologia, faz lembrar a importância que a prática das queimadas tem sobre a dinâmica das populações. Assim como o fogo consome as matas com suas chamas, o gafanhoto destrói a terra com seu insaciável apetite – de acordo com relatório da Embrapa sobre as pragas no Brasil, apenas 10 gafanhotos podem devastar uma mangueira (gafanhotos da espécie *Tropidacris collaris*, comum no Brasil).

O ser humano, ao longo de sua evolução, acabou por se transformar no “gafanhoto universal”, a praga que vem consumindo e destruindo o meio ambiente, notadamente nestes nossos últimos séculos de história. E a história da

---

<sup>2</sup> DARWIN, Charles. **A origem das espécies**

<sup>3</sup> EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária). **Relatório meio ambiente e gafanhotos – pragas no Brasil** - 2001

colonização das Américas, em especial do Brasil, é uma fonte inesgotável de exemplos das formas e metodologias utilizadas nesta continuada e insaciável destruição.

*“A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja mais útil esforçarmo-nos por compreender o passado, se nada sabemos do presente”.*<sup>4</sup>

Era objeto inicial deste ensaio uma breve análise histórica do desenvolvimento sócio econômico do Brasil, começando com a política de colonização e passando a seguir, após o processo de independência, aos diferentes ciclos econômicos e políticos até os nossos dias, contextualizando essa análise dentro do que entendemos por sustentabilidade. Porém, a complexidade do tema acabou por gerar uma quantidade enorme de informações históricas com diferentes impactos na sustentabilidade – o bom senso acabou vencendo e optei por dividir o ensaio em partes, começando por esta onde o enfoque está nos primeiros tempos da colonização do Brasil nos séculos XVI e XVII. Tempos diferentes e momentos econômicos diferentes, porém você vai facilmente perceber como a cobiça e a ganância de uma minoria consumiu e continua ainda a destruir os recursos naturais de nossa terra, marginalizando a grande massa da população e comprometendo o futuro - as novas gerações.

Ao final de cada um dos capítulos, deste ensaio e dos próximos, você vai encontrar o diagrama Filé Brasil – onde o succulento filé mostrado na capa deste ensaio vai sendo sistematicamente consumido pelos gafanhotos de acordo com cada um dos ciclos econômicos de nossa “história”. Você vai perceber que esse consumo não foi aleatório – ele foi feito de forma planejada, primeiro pela estrutura colonial

---

<sup>4</sup> BLOCH, Marc. *Introdução à história*

portuguesa, depois pelos grandes senhores de nossa terra e, mais recentemente, pelas chamadas forças neocolonialistas do mundo globalizado. Não se trata da busca de uma teoria da conspiração ambiental, mas de uma constatação da irresponsabilidade humana no gerenciamento e uso dos recursos naturais, não só do Brasil, mas de todo o nosso planeta. Você vai perceber que, apesar de controversas, as idéias de *Thomas Malthus* ainda fazem muito sentido.

Nestes últimos e novos tempos os conceitos de SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL vêm ganhando força e cada vez pessoas se dedicam a difusão e ao ensino dos seus valores.

*“Sustentabilidade é o princípio que assegura que nossas ações de hoje não limitarão a gama de opções econômicas, sociais e ambientais disponíveis para as futuras gerações.”<sup>5</sup>*

Os aspectos Econômico, Social e Ambiental devem formar um tripé de apoio para a Sustentabilidade de uma sociedade. Quando um destes pés não é tão forte quanto os outros, o resultado é que todo o conjunto desabarará – sem o firme apoio e sustentação de cada um destes aspectos, a Sustentabilidade será apenas uma questão retórica. Aliás, peço que você repare na capa do ensaio – o garfo usado para pegar o pedaço do filé tem três dentes: mais do que uma coincidência, esses dentes representam os aspectos Social, Ambiental e Econômico e eu os coloquei aí para você se lembrar sempre do que é Sustentabilidade. Todos os dentes têm o mesmo tamanho para que você se lembre que sempre deverá existir um equilíbrio entre a busca de ganhos Econômicos, a equidade e justiça Social e a preservação Ambiental.

---

<sup>5</sup> ELKINGTON, John. *Canibais de garfo e faca*.

Ao longo deste ensaio e de outros que completarão a série República dos Gafanhotos, você observará que sempre foi o ganho Econômico que norteou a vida de nosso país, primeiro como colônia de Portugal, depois como império e hoje como país “independente”. O meio ambiente e os brasileiros sempre foram tratados como ‘coisa’ irrelevante.

Infelizmente, essa nova escola de pensamento da Sustentabilidade chegou um pouco tarde para os mais de 88% da Mata Atlântica já devastada, ou para metade do Cerrado transformado em lavoura de grãos, ou ainda para metade da Caatinga nordestina (no Ceará e na Paraíba os índices de destruição são maiores que a média da região) fulminada pela exploração irracional de meio milênio de “história” do Brasil. Porém, ainda há uma chance para se evitar que este seja o fim de ecossistemas fundamentais como o Pantanal do Mato Grosso e uma grande parte, ainda intacta, da Floresta Amazônica, além de outros resquícios isolados de florestas e sistemas ecológicos espalhados por todo o Brasil. Nós erramos muito ao longo de nossa história, mas podemos aprender muito com o nosso passado e assim ter algum futuro. As futuras gerações merecem herdar alguma coisa de nós que não seja destruição e morte.

Para entender muito do que ocorre hoje, é importante um olhar para o passado, para a história de nossa colonização baseada na exploração dos recursos naturais aos extremos. A estrutura colonial de produção de bens e produtos para a exportação resiste ao tempo e influencia até hoje os meios de produção e políticos de nosso país, em detrimento ao bem estar de nosso povo e à garantia de um futuro melhor para nossos filhos e netos. Se você abrir um jornal, revista ou qualquer outro meio de comunicação digital encontrará inúmeras matérias falando de problemas ambientais,

embates entre colonos e índios pela posse de terras, as dificuldades para se aprovar e implantar o código florestal, denúncias sobre trabalho escravo entre outras. Descobrirá também que muita coisa boa está sendo feita e que já avançamos muito em nossas relações com o meio ambiente. Mas o caminho ainda é muito longo e penoso.

Gostaria de, antecipadamente, pedir desculpas a você, meu caro leitor, pelo excesso de citações que você vai encontrar ao longo deste texto. Infelizmente, por mais que me esforce, nunca terei o poder de síntese de intelectuais como Darcy Ribeiro, Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre, Josué de Castro, Rachel de Queiróz, Euclides da Cunha, Taunay (pai e filho) entre tantos outros que me ‘ajudaram’ na elaboração deste texto. Por isso, inúmeras vezes, preferi manter as citações originais: o quê essas ilustres pessoas conseguem expressar em 20 palavras me custariam, pelo menos, umas 100...

E para demonstrar o quanto ainda falta a se percorrer nesse nosso caminho rumo à Sustentabilidade plena nada mais apropriada do que a figura dos gafanhotos ou, melhor ainda, – da “República dos Gafanhotos”.

“O passado  
é o futuro menos o presente.  
O presente  
é o futuro menos o passado.  
O futuro  
é o passado mais o presente.”<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> VARAS TAPIA, Amenay. *Minha espera*.



# 1

## **A ERA DAS GRANDES NAVEGAÇÕES E DOS GRANDES DESCOBRIMENTOS**

Países e povos não são iguais a cogumelos que brotam do nada e crescem rapidamente. Sempre existe uma história, uma trajetória, um longo caminho percorrido por pessoas, que se juntando num objetivo comum se converte num povo e transformam sua terra numa nação.

Antes de analisarmos a formação da nação brasileira, será útil voltarmos aos séculos imediatamente anteriores ao “suposto” descobrimento do Brasil, para entendermos os principais fatos que acabaram por originar as famosas expedições marítimas européias, especialmente o período posterior ao fim do sistema feudal. Esses fatos foram determinantes para a “invenção” do nosso país.

E para entendermos corretamente muito de nossa história, precisamos ter uma boa idéia do regime de governo da Idade Média, o chamado Sistema Feudal.

A definição de feudalismo é “virtualmente aquilo que definimos por servidão: uma obrigação imposta ao produtor pela força, e independentemente da sua própria vontade, para cumprir certas exigências econômicas de um suserano, quer estas exigências tomem a forma de serviços que têm de ser realizados quer de dívidas que serão pagas em dinheiro

ou em espécies.”<sup>7</sup>. Esta definição, particularmente importante, será observada, em maior ou menor escala, ao longo de toda a história do Brasil.

O senhor feudal era o proprietário de grandes extensões de terra e, normalmente, possuía algum título de nobreza, fosse este por parentesco com a família real fosse por recompensa por serviços prestados a esta (cavaleiros nas Cruzadas, por exemplo). Aliás, por longos períodos na Idade Média, eram os senhores feudais quem davam a sustentação política e econômica para a nobreza. Se você viu aqui alguma semelhança com os grandes senhores de terra que encontraremos ao longo da história do Brasil, os chamados latifundiários saibam que isso não é uma mera coincidência.

Ao redor deste senhor feudal viviam toda a nobreza, o clero e os exércitos. A grande massa, formada pelos servos, era quem ocupava as extensas terras ao redor da residência ou do castelo do senhor feudal. Em troca deste “favor”, os servos tinham o sagrado dever de cultivar as terras de seu senhor. A maior parte da produção era destinada ao senhor feudal, ficando uma pequena parte com os servos a título de subsistência. Os ganhos resultantes com a produção mantinham toda a corte e custeavam o exército, afinal de contas, os servos precisavam contar com a proteção do seu senhor (somente os soldados e os nobres podiam portar armas).

*“[...] a principal causa da miséria pública reside no número excessivo de nobres, zangões ociosos que se nutrem do suor e do trabalho de outrem e que, para*

---

<sup>7</sup> DOBB, Maurice *Studies in the Development of Capitalism*, apud: *Do Feudalismo ao Capitalismo*

*augmentar seus rendimentos, mandam cultivar suas terras, escorchando os rendeiros até a carne viva.*<sup>8</sup>

Um bom exército, com bons equipamentos e com homens devidamente treinados era condição de sobrevivência dos reinos e feudos neste período.

*“Não deve um príncipe, pois, ter outro objetivo, outro pensamento ou outro dever fundamental senão a arte da guerra. Só isso se espera de quem comanda”.*<sup>9</sup>

As principais características do feudalismo<sup>10</sup> podem ser resumidas em:

- 1) Um baixo nível da técnica, onde os instrumentos para produção agrícola e de bens de consumo eram de baixa qualidade, com trabalhos realizados individualmente pelos servos;
- 2) Toda a produção se destinava para consumo imediato dos servos e dos aldeões, não sendo gerados excedentes de produção;
- 3) As terras eram de propriedade de um senhor, onde se fazia necessária à prestação de um trabalho compulsório pela sua utilização;
- 4) Descentralização política – cada senhor era o líder político do seu feudo;
- 5) As funções jurídicas pertenciam ao senhor feudal. Esse sistema de produção perdurou por séculos na Europa.

---

<sup>8</sup> MORUS, Thomas. *Utopia*.

<sup>9</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*.

<sup>10</sup> DOBB, Maurice *Studies in the Development of Capitalism, apud: Do Feudalismo ao Capitalismo*

A partir do século XII, o sistema de produção feudal entrou em decadência lenta e gradual na Europa Ocidental; no leste europeu ainda resistiu por um longo período. Alguns dos principais motivos foram:

- 1) A estagnação econômica dos feudos, uma vez que eram introduzidas novas técnicas de produção nas cidades;
- 2) **Esgotamento dos recursos naturais**, que foram usados ininterruptamente durante séculos, sem que se tomasse nenhum cuidado maior;
- 3) Crescimento da “classe parasitária” nos feudos devido ao crescimento das famílias nobres;
- 4) Estagnação da classe servil produtora, uma vez que era comum a expulsão dos filhos mais novos dos servos para fora dos domínios do senhor feudal. Esta classe errante normalmente se voltava para o banditismo ou se alistava nos exércitos mercenários. A lenda de *Robin Hood* é um bom exemplo disso – ele liderava um exército de plebeus errantes na sua luta contra a nobreza local.
- 5) Despesas militares crescentes resultantes das sucessivas e intermináveis guerras entre os feudos e os demais reinos. Há de se ressaltar os custos elevadíssimos das cavalarias e as suas festas com muita pompa – conhecido como o culto da *magnificentia* dos nobres.

O desenvolvimento das grandes cidades pouco a pouco começou a abalar o sistema político vigente. A concentração de habitações ao redor dos grandes castelos nos chamados burgos, pouco a pouco propiciou o nascimento de uma nova classe social – a burguesia.

Esta nascente classe burguesa, formada de artesãos oriundos, na maior parte, do campo, pouco a pouco começou a se especializar em trabalhos técnicos como fabricação de ferramentas e de armas, marcenaria, tecelagem, panificação, produção de cerveja, trabalhos com couro entre outros. Em paralelo com este novo sistema de produção, outra classe começou a se fortalecer – os comerciantes.

Desde muito já havia na Europa uma poderosa classe comercial, notadamente os grandes atacadistas, como por exemplo, os Genoveses e Venezianos. Estes eram mestres na navegação do Mar Mediterrâneo, monopolizando o comércio com os povos do Oriente Médio e Ásia. Um dos mais famosos, graças aos seus relatos deixados para posteridade no livro *Il Milione*, foi o veneziano Marco Pólo (1254-1324). Os bens produzidos pela nascente burguesia passaram a ser comercializados por esta nova classe especializada. Os grandes comerciantes possuíam uma extensa cadeia de distribuidores, pontos de venda, infra-estrutura de logística em todo o continente; formavam uma das mais sólidas organizações, comparáveis aos grandes conglomerados transnacionais de nossos dias.

Os bens manufaturados com técnicas mais modernas e tecnologicamente superiores podiam ser comprados a um preço mais barato do que o custo usual de fabricação nos feudos. Os senhores feudais costumavam manter um pequeno número de servos em funções especializadas como tecelagem e produção de ferramentas agrícolas; quando os artesãos da cidade vizinha começam a vender os mesmos produtos talvez pela metade do preço, é evidente que o antigo sistema de produção começa a enfrentar problemas. Outra pressão que se fez sentir foi o aumento das reivindicações dos servos para receber o pagamento pelo seu

trabalho ou de sua parte da colheita em dinheiro; a posse do dinheiro era fundamental para que estes servos pudessem adquirir os produtos que desejassem na cidade.

Outro ponto relevante deste período são as correntes migratórias dos campos para a cidade. Na realidade eram os servos que, fugindo de suas obrigações junto aos senhores feudais, preferiam ir tentar a sorte como um operário assalariado nas novas cidades.

*“A fuga dos servos ocorre simultaneamente com o desenvolvimento das cidades, especialmente nos séculos XII e XIII. Não há dúvidas que o rápido desenvolvimento das cidades – oferecendo, como ofereceu liberdade, emprego e melhoria de condição social – atuou como um imã à oprimida população rural. E os próprios burgueses, necessitando de trabalho excedente adicional e de mais soldados para fortalecerem o seu poderio militar, tudo fizeram para facilitar a fuga dos servos à jurisdição dos seus senhores”.*<sup>11</sup>

A este fato *Karl Marx* (1818-1883), intelectual e revolucionário alemão fundador da doutrina comunista, faz o seguinte comentário a *Friedrich Engels* (1820-1895), seu grande amigo e teórico revolucionário alemão: *“algo bastante patético com o modo como os burgueses no século XII incitaram os camponeses a fugir para as cidades”.*<sup>12</sup>

É necessário fazer uma intervenção neste ponto para falarmos das particularidades do sistema feudal em Portugal, onde temos de destacar o peso da igreja Católica e das ordens religiosas.

---

<sup>11</sup> SWEEZY, Paul M. *Do Feudalismo ao Capitalismo*

<sup>12</sup> MARX, Karl. *O Capital*, apud: *Do Feudalismo ao Capitalismo*

Na Península Ibérica como um todo e particularmente em Portugal, principalmente devido ao longo processo de expulsão dos sarracenos e a reconquista dos territórios<sup>13</sup>, o alto clero extrapolou aos poderes místicos da religião, englobando também um extraordinário prestígio moral e até jurídico sobre as populações. Em Portugal vamos encontrar inclusive ordens religiosas que também foram militares, unindo numa mesma congregação o poder da fé ao da espada, a figura do homem eclesiástico ao guerreiro. Todo esse poderio místico/militar das ordens religiosas acabou se aproveitando das guerras de reconquista contra os sarracenos para se apropriar de enormes extensões de terra em toda a Lusitânia. Os grandes senhores feudais de Portugal eram em grande parte esses religiosos; outra parte importante coube aos Cruzados que lutaram contra os infiéis para a reconquista da Terra Santa e da cidade de Jerusalém. "A colonização latifundiária e semifeudal mais tarde aplicada ao Brasil teve seu começo em Portugal, nessa colonização semi-eclesiástica."<sup>14</sup>

Outro aspecto muito importante que precisa ser destacado é o papel do mouro<sup>15</sup> que, tendo sido derrotado durante as guerras de reconquista, acabou transformado em escravo desses senhores feudais eclesiásticos. Gilberto Freyre enfatiza que sem a experiência moura, o colonizador teria provavelmente fracassado nesta tarefa formidável, Teria fracassado, impotente para corresponder a condições tão fora da sua experiência propriamente europeia.<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup> Entre os séculos VIII e XV grande parte da Península Ibérica esteve sob controle muçulmano e foram necessários intensos e sucessivos esforços dos ibéricos para sua expulsão.

<sup>14</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**

<sup>15</sup> Mouro é o nome genérico usado para definir o árabe ou muçulmano invasor da Península Ibérica.

<sup>16</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**

O mouro cativo de guerra teve uma influência decisiva no regime de autocolonização agrária dos grandes latifúndios portugueses. Foi o trabalho do seu braço escravo e, principalmente, o seu conhecimento técnico superior ao do lusitano livre que deu a Portugal uma agricultura industrial superior a de outros países europeus da época. Foram os mouros quem introduziram em Portugal os moinhos de água, tão fundamentais para que a futura indústria canaveira viesse a moer suas canas. Foi o mouro que salvou as plantações das secas a partir de inteligentes sistemas de irrigação. Quem valorizou a oliveira e também as vinhas. Quem introduziu o algodão, o bicho-da-seda e a laranjeira nas terras portuguesas. Dominaram também artes industriais e ofícios de utilidade. Principalmente, foi o elemento mouro quem introduziu e desenvolveu a cultura da cana-de-açúcar nas ilhas oceânicas, cultura que depois viria a ser transplantada para as terras brasileiras.

Este *status* diferenciado deu aos mouros, transformados depois em cristãos novos pela conversão forçada, uma vantagem competitiva em relação aos cristãos velhos portugueses. Durante o êxodo dos trabalhadores rurais para as cidades em busca de melhores oportunidades de trabalho, a capacitação técnica dos mouros foi um enorme diferencial de empregabilidade e possibilitou sua ascensão social.

*“Foi certamente este elemento que, pela sua maior riqueza de aptidões industriais, quem mais se aproveitou das oportunidades dos coitos para deslocar-se daquelas terras a que o prendiam obrigações de cativo ou de servidão para outras, igualmente agrícolas ou semi-urbanas, onde sua situação já seria diversa. Cultivadores livres, fácil lhes foi, nas novas*

*circunstâncias, o triunfo econômico. Fácil sua ascensão na escala social.*<sup>77</sup>

Esses cristãos novos se diluíram na sociedade portuguesa e muitos dos seus descendentes foram de extrema importância no processo de colonização do Brasil.

O fato é que em toda a Europa ocidental as cidades cresciam e se desenvolviam, tornando as relações comerciais cada vez mais complexas. Em Portugal deve-se destacar a cidade do Porto, que como diz o próprio nome estava se consolidando como um importante entreposto e centro comercial do continente. A produção crescia sem parar e, como rezam as modernas cartilhas de *marketing*, todo produto com preço competitivo tende a ampliar sua participação no mercado. E a consequência mais direta desse aumento da produção foi à própria expansão dos mercados e também da concorrência entre grupos.

O comércio continental europeu até o século XIV era quase que unicamente terrestre, com raras rotas marítimas entre as costas do norte da África e Oriente Médio, além de uma vasta navegação de cabotagem nos mares ao redor do continente – pouca coisa diferente dos tempos do Império Romano. Essa acanhada navegação de cabotagem estava intimamente ligada ao pouco desenvolvimento que a indústria naval teve desde os tempos do império romano, tendo esse recebido enorme influência das embarcações dos gregos; praticamente não houve qualquer avanço tecnológico tanto na concepção estrutural das embarcações quanto no sistema de propulsão, que ainda mantinha a pequena vela quadrada e o conjunto de remos das antigas galés. Um grande exemplo deste tipo de embarcação é o *knörr*, o modelo de nau usada pelos navegadores dos países nórdicos

---

<sup>77</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*

até o século XI, mais conhecidos em nosso imaginário pelo nome de *vikings*. Se você é curioso e gosta de cinema, eu recomendo assistir alternadamente os filmes Tróia (2004 – direção de *Wolfgang Petersen*), Ben-Hur (1959 – direção de *William Wyler*) e Erik o Viking (1989 – direção de *Terry Jones*) e observar o design dos navios (respectivamente gregos, romanos e vikings). Você perceberá que ao longo de 2.500 anos pouca coisa mudou no estilo de construção dos navios e na navegação marítima.

A grande rota comercial européia da época é a que ligava o Mar Mediterrâneo ao Mar do Norte, desde as repúblicas italianas através dos Alpes, passando pelos cantões suíços, seguindo através do rio Reno até as cidades flamengas do seu estuário. Como se nota, esta rota privilegiava os países centrais da Europa, especialmente a Itália e os estados alemães.

O desenvolvimento da tecnologia de construção naval e das técnicas de navegação passou a ampliar e incrementar gradativamente o comércio através das antigas rotas de navegação de cabotagem. Novas embarcações permitiam o transporte de cargas em tonelagens crescentes. Lentamente, os centros comerciais da Europa foram passando para o controle dos territórios com fachada oceânica para estas novas rotas: Condado de Flandres (na região das atuais Holanda e Bélgica), Inglaterra, Normandia, a Bretanha e a Península Ibérica. Regiões da Itália e Alemanha, antigas beneficiárias da pioneira rota comercial, passam para um segundo plano neste novo cenário mercantilista.

*“As caravelas portuguesas representavam um notável avanço em relação às embarcações antigas, ao introduzirem, no início do século XV, as primeiras velas triangulares ou latinas. Mas ainda conservavam*

*algumas velas quadradas (ou redondas, como se diz) suspensas em vergas, e sua capacidade de orça, ou seja, de navegar contra o vento, era bastante limitada. Em navegação costeira podiam superar alguns obstáculos, até então intransponíveis para as para as velas quadrangulares das cogas medievais, mas em navegação oceânica dependeriam sempre de ventos favoráveis.*<sup>18</sup>

O domínio da tecnologia de construção naval resolvia uma parte importante da equação que resultaria na expansão ibérica pelos oceanos; outra parte só seria resolvida gradativamente, mediante o acúmulo e análise de informações meteorológicas e oceanográficas: o regime de ventos e de correntes marinhas do oceano Atlântico.

Esse conhecimento foi fundamental para a expansão marítima das nações ibéricas, especialmente para Portugal. Diferente da geometria plana, onde o caminho mais curto entre dois pontos é uma linha reta, a navegação marítima entre dois pontos de um mapa é tortuosa e não raras vezes muito longa.

Os ventos dominantes no oceano Atlântico são divididos em dois grandes sistemas: o Sistema Anticiclônico do Atlântico Norte, conhecido também como anticiclone dos Açores, e o Sistema Anticiclônico do Atlântico Sul, também conhecido como anticiclone de Santa Helena.

Todos os oceanos são caracterizados por sistemas semelhantes, onde a partir de um centro de alta pressão formam-se movimentos circulares de ventos e de correntes marítimas. Esses movimentos circulares são explicados pela força de Coriolis, que é resultante da rotação do globo

---

<sup>18</sup> KLINK, Amir. **Cem dias entre céu e mar.**